

**Marielle: a mulher à frente da política *versus* o machismo estrutural/patriarcal no Brasil**

ROSA JUNIOR, JOSÉ<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo principal discutir a violência simbólica que permeia em nossa sociedade, de maneira em que a mulher é a sua principal vítima, sendo embasada por um machismo estrutural em nossa cultura. A pesquisa é de abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico- explicativo, fundamentado nas principais obras de Bourdieu, Beauvoir, Louro e Bonfim, e entre outros que abordam a temática. Norteando o estudo a questão central busca esclarecer sobre a violência simbólica contra as mulheres que assumem lugares de destaques na sociedade, principalmente no campo político. A princípio o estudo buscou uma revisão conceitual em que busca esclarecer ao leitor princípios basilares, para a temática. Em um segundo momento destaca se o quanto as mulheres são silenciada dentro do contexto social atual, em diversas esferas, chegando assim no campo político, mulheres na sendo caladas no legislativo e executivo. E por fim, busca evidenciar a triste tragédia da execução da vereadora Marielle Franco, uma mulher de luta e que defendia as minorias, pois ela também fazia parte dela. Até a presente data não há nada confirmado sobre a morte da mesma. Concluindo se que é necessário o engajamento político de mais mulheres e que o fundamental para a mudança desse contexto social machista, é a educação que emancipe, transforma e humanize nossa sociedade, tornando a mais igualitária e equitativa.

**Palavras-chaves:** Violência Simbólica; Machismo; Marielle Franco.

---

<sup>1</sup>Faculdade Dom Bosco, Professor na Prefeitura Municipal de Cornélio Procópio, Licenciado em Pedagogia, Pós graduado em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Neuropsicopedagogia Clínica FATEC. [jr-junior88@live.com](mailto:jr-junior88@live.com)

## **Introdução.**

O presente estudo tem como objetivo central discutir violência simbólica contra a mulher, quando ela assume papéis políticos e evidentes na sociedade.

A pesquisa é de abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico-explicativo. O estudo se fundamenta especialmente em Bourdieu, Beauvoir, Louro, Bonfim, entre outros autores que abordam a temática.

A questão norteadora busca esclarecer sobre a violência simbólica contra a mulher que assume papéis evidentes na sociedade, sejam eles em departamentos públicos e privados, assim questiona-se: quais formas de violência são utilizadas pelo machismo estrutural para manter a invisibilidade histórica sofrida pelas mulheres especialmente no cenário político brasileiro?

Conceitua-se gênero, igualdade, machismo, violência, violência simbólica, dominância masculina entre outras categorias centrais do estudo. Compreende-se que a dominância masculina está estruturada e impregnada no machismo da sociedade patriarcal, a qual distorce, por inúmeras vezes, o papel da mulher na sociedade, limitando-a, apenas a papéis secundários.

Quando a mulher assume posições de destaque questionam não apenas sua competência e sim, sua moral. É notável, que, quando uma mulher ocupa uma posição de destaque, especialmente no cenário político, vem uma onda desprestigiando seu trabalho, através da violência simbólica, muitas vezes, acompanhada de violência física. Muitas pessoas veem, ouvem e até reproduzem esse discurso misógino sem, ao menos, reconhecer o quanto é ofensivo para as mulheres.

É necessário identificar que esses discursos repugnantes, que passam por nós sem percebermos o reflexo que isso causam no cotidiano. Atualmente, na política brasileira, as mulheres vem sofrendo golpes, violências de toda ordem e até mesmo, sendo executadas por lutarem por equidade de gênero, social e econômica.

O caso mais recente, é da vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco, que foi assassinada, uma representante política que tinha como bandeira as minorias excluídas e questionava os direitos das mesmas, especialmente, das mulheres, negras, periféricas, que por vezes, foram ignoradas, ficando à margem da sociedade, sem vez, sem voz.

Considera-se que apontar os efeitos negativos dessa hegemonia masculina no cenário político é essencial, pois as políticas públicas sociais voltadas ao público feminino, geralmente são feitas e aprovadas por homens, os quais possuem um pensamento machista,

elitista e seguem uma “ideologia branca”, que não vislumbram uma totalidade igualitária para ambos os gêneros e classes sociais. A política brasileira deve ser composta por mais mulheres atuantes, e não apenas pelos “coronéis”. A exclusão social e política que as mulheres, historicamente sofreram, culminou na sua invisibilidade como sujeito, especialmente no cenário político.

Ter mais representantes mulheres que realmente busquem romper com os preconceitos e desigualdades sociais irá contribuir para construção de uma sociedade igualitária, que respeite as pessoas, independente do sexo, gênero ou orientação sexual.

Uma sociedade onde homens e mulheres possam ser igualmente respeitados e tenham efetivados os mesmos direitos garantidos pela nossa Constituição, sem um gênero ou classe sobressair o outro. Respeito independe de gênero, homens e mulheres devem lutar pela uma igualdade social, política e econômica, só assim será possível construir de uma sociedade justa e pacífica, onde as pessoas sejam respeitadas em sua singularidade e humanidade.

### **Revisão Conceitual**

A princípio, busca se esclarecer alguns conceitos basilares para a compreensão e leitura do artigo.

#### **a) SEXO**

A palavra *sexo* quando é dita em qualquer contexto social, ela já é imediatamente ligada ao ato sexual, a cópula. Já atualmente com os estudos e grande bibliografia sobre o tema, já pode se conceituar *sexo* como apenas a distinção genital e órgãos reprodutores dos seres vivos. Aprofundando a pesquisa, e citando Guimarães (1995, p.23), o qual refere-se, ao *sexo* como:

[...] ao fato natural, hereditário, biológico da diferença física entre homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução. [...] à diferença biológica entre macho e fêmea, incluindo diferenças da anatomia, da fisiologia, da genética, do sistema hormonal.

Já em outros autores, exemplo Nunes e Silva (2000, p.74), afirmam que “*sexo é a marca biológica, caracterização genital e natural*”. Os próprios permitem o esclarecimento da palavra em seu sentido biológico, referindo-se à anatomia dos seres vivos, sendo esses aspectos anatômicos que é considerável e classificado como homem e mulher, em nossa

sociedade. Sexo, é definido pela nossa genitália. E aprática, o ato sexual, tem comofinalidade a conquista pelo prazer, e conseqüentemente é a forma de reprodução da espécie.

## b) SEXUALIDADE

Sexualidade, é uma palavra que sempre ouvíamos frequentemente, e logo é associada ao ato sexual, a pratica. O que é uma ótica bem deturpada, pois o conceito de sexualidade, vai muito mais além do que o ato sexual, pode se considerar que a sexualidade é toda forma de interação do sujeito que seja prazerosa. Não limitemos, a apenas, a prática sexual, mas sim toda a integridade do ser humano, e a sua experiência como o outro.

Bonfim (2012, p.24) afirma que :

Freud afirma que a sexualidade não está limitada à função dos órgãos genitais e ao ato sexual em si. Para ele, a vida sexual começa logo após o nascimento e se desenvolve por meio de diversas atividades e estímulos que ocorrem na infância, proporcionando um prazer que não está vinculado às satisfações fisiológicas.

Freud, ressalta que a nossa sexualidade esta concomitante em nosso desenvolvimento desde quando nascemos, e não apenas na adolescência quando o período da puberdade desperta. A sexualidade, inerente ao ser humano, pois ela está presente desde a gestação do indivíduo, e assim desenvolve com o nascimento do mesmo. Vale lembrar que essa sexualidade inicial não possui um caráter erótico. Todas as sensações prazerosassão integradas a sexualidade.

Podemos considerar desde o ato da amamentação que não deixa de ser um ato sexual, pois é um ato prazeroso e afetivo tanto para mãe, quanto para a bebê. Buscando experiência mais além, no aspecto que refere se à sexualidade, pois toda relação que desperte a afetividade, entre duas pessoas ou mais, e que essa ação,se torne prazerosa para todos os envolvidos, e não seja necessariamente uma relação sexual, mas que pode ser uma relação amistosa.

Bonfim (2012, p.40), afirma que:

Se entendemos a sexualidade como relação humana, precisamos reconhecer que toda relação em si envolve a nossa sexualidade, o que não significa envolvimento sexual (no sentido de sexo, de prática sexual), e sim relações afetivas, construção de vínculos afetivos e atitudinais.[...] se concebermos a sexualidade para além do aspecto biológico e reducionista do sexo, como

expressão da subjetividade humana, o que implica o desenvolvimento de uma ética e de uma estética para sua vivência em sociedade, pois não somos meros animais, mas seres dotados de racionalidade e individualidade.

Dessa forma, pode se compreender que sexualidade é muito mais ampla do que pode se imaginar, pois ela envolve a integralidade do indivíduo, a subjetividade, a afetividade, é por meio do desenvolvimento da sexualidade que ambos os sexos se humanizam, se diferenciam dos animais, e são essas experiências sexuais afetivas, que possibilita a criação de laços afetivos com outros, para que dessa maneira podemos ter um convívio harmonioso socialmente.

### c) GÊNERO

Gênero é um condicionante social, atua como um homem ou uma mulher devem se vestir, comportar, agir e atender a expectativa que cada sociedade impõe, dentro desse condicionante. Cada sociedade, dentro de uma cultura hegemônica, dissemina alguns estereótipos, que designa papéis distintos para homens e mulheres. Dentro do patriarcado, esses condicionantes são bem específicos os quais delimitam nitidamente o gênero feminino, causando uma castração da liberdade da mulher. A mulher é condicionada a um papel de submissão, passiva, e que historicamente suas virtudes estão sempre relacionados a fragilidade, tornando sempre dependente de uma figura masculina.

No que se refere ao papel masculino, a virilidade é uma virtude praticamente inerente a ele, pois o homem sempre é visto como uma figura que remete a força, a proteção de sua mulher e sua prole, e que sempre em suas atitudes demonstrar mais racionalidade do que afetividade, pois essa características emocional, afetiva, é exclusivamente a mulher, ao gênero feminino.

Nesse contexto, é que Bonfim (2012, p.37), afirma:

[...] é o que “determina” aquilo que culturalmente seriam características do ser “masculino” e do “feminino”: forma física, anatomia, maneira de se vestir, falar, gesticular, enfim as atitudes, comportamentos, valores e interesses de cada gênero ( lembrando que essas características são designadas pela sociedade culturalmente dominante). Essas diferenças são estabelecidas historicamente, de acordo com dada sociedade, e influenciadas por sua cultura. Portanto, elas representam uma categoria histórica e não são naturalmente determinadas.

Essas características foram difundidas historicamente, e aceitas por uma grande massa que não ousa em questionar essa imposição, e que consideram fazer parte da essência da natureza biológica de homens e mulheres, e que não são fatores sociais e culturais construídos a partir da moral exigida na sociedade hegemônica; e reproduzidos historicamente.

#### d) IDENTIDADE DE GÊNERO

Hoje, tem se debatido muito sobre esse tema, que se refere que a pessoas que nasceram biologicamente e anatomicamente com um gênero, porém se reconhece e se identifica com outro, essa identificação se trata tanto pelo modo de falar, de se vestir, agir, sentir. Considerando Bonfim (2010, p.174), a identidade de gênero, refere se a:

[...] refere-se à forma como alguém se sente, se identifica, se apresenta, para si próprio e aos que o rodeiam, bem como, relaciona-se à percepção de si como ser “masculino” ou “feminino”, ou ambos, independe do sexo biológico ou de sua orientação sexual, ou seja, da sua maneira subjetiva de ser masculino ou feminino, de acordo com comportamentos ou papéis socialmente estabelecidos.

Louro (2007, p. 11), considera que as *“identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são modeladas pelas redes de poder de uma sociedade”*. Dessa forma, podemos considerar que a identidade de gênero é uma construção social, que passa ser um determinante no momento em que o indivíduo passa a conhecer a si mesmo.

Romero apud Bonfim (2012, p.39), afirma que:

[...] O papel sexual que a criança vai desempenhar será punido ou reforçado, segundo a cultura e o contexto social no qual ela está inserida. A determinação e a manutenção do comportamento sexual para homens e mulheres criam e mantêm as desigualdades entre eles existentes na sociedade, quase sempre com prejuízos para a mulher, que acaba desempenhando um papel de menor prestígio e valor. (ROMERO apud BONFIM, 2012, p.39)

De acordo com o seu desenvolvimento comportamental, irá se identificar e de acordo com a sua unidade familiar, a criança poderá, ser punido ou incentivado. O meio social é um dos grandes responsáveis no modo como é compreendido a identidade do indivíduo.

#### e) PRECONCEITO DE GÊNERO

O preconceito pode ser identificado em diversas esferas sejam elas, sociais, raciais e a de gênero. O preconceito de gênero, refere se quando um gênero é posto em um papel inferior

na sociedade, esse preconceito é uma situação imposta culturalmente e historicamente, mesmo sendo humanamente iguais. Chauí (1996/1997, p.116) defende o estereótipo, a um “conjunto de crenças, valores, saberes, atitudes que julgamos naturais, transmitidos de geração em geração sem questionamentos, e nos dá a possibilidade de avaliar e julgar positiva ou negativamente „coisas e seres humanos”.

Identificar que determinados hábitos sejam repassados historicamente, sem indagar que os mesmos vem carregados de preconceitos, e ainda repassa – los, condicionando a futuras gerações ao sofrimento, devido a esses “hábitos preconceituosos”. E esse preconceito nada mais é do que a manifestação da ignorância alheia.

Considerando Werebe (1998, p.145) que:

[...] As regras impostas à mulher no tocante à sexualidade não são as mesmas impostas ao homem. Aliás, o duplo padrão de moralidade (liberdade sexual para o homem e restrições sexuais para a mulher) perdura na maioria dos países. O adultério feminino, em muitas sociedades, é julgado com maior severidade do que o masculino.

Na questão de gênero, o feminino historicamente foi mantida em uma posição de restrição, repreensão, e por qualquer habito ou comportamento que minimamente seja considerado desvirtuoso, ela era julgada e condenada a mais baixa condição moral e social. E infelizmente isso reflete até os dias de hoje.

#### f) PATRIARCADO

Na literatura, a etimologia da palavra de patriarcado, é caracterizada como o “poder do pai”, ou seja, o poder, e tudo que há de relevante deve ser decidido pela figura masculina, ao homem. Ou seja, no patriarcado, a perspectiva, os interesses, as decisões, é tudo realizado por um ou um grupo de homens.

Therborn (2006, p.29), esclarece que:

O patriarcado tem duas dimensões intrínsecas básicas: a dominação do pai e a dominação do marido, nessa ordem. Em outras palavras, o patriarcado refere-se às relações familiares, de geração ou conjugais – ou seja, de modo mais claro, às relações de geração e gênero.

Essa referência de dominação, perpassa por núcleos familiares, e gira em torno de uma sociedade que é regida por meio de dogmas e preconceitos, no qual a mulher é invisibilizada, calada e discriminada.

g) IGUALDADE

Esse seria um conceito imprescindível, não só para esse artigo, mas também para toda uma sociedade, em que a desigualdade é alarmante em diversas esferas. Porém, na sociedade brasileira, há uma desigualdade de direitos, a qual possui uma incoerência gritante, a igualdade é um direito assegurado pela nossa Constituição, que deveria ter garantia em todas as instâncias. Com isso o art. 5º de nossa Constituição Federal de 1988:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

A sociedade em um conjunto deve garantir que essa igualdade seja respeitada, e regente e que abranja todo cidadão.

h) SEXISMO E MACHISMO

Em nossa sociedade o machismo é estrutural, se manifestando nas relações humanas, predominando a dominação do sexo masculino sobre o feminino. Esta inerente em nossa sociedade essa ideologia, de hierarquização em relação ao sexo, há um pensamento equivocado de que os homens são superiores as mulheres, porém, é um pensamento totalmente errôneo e ultrapassado, pois ambos tem capacidade equitativas, se desenvolvidas corretamente. Bonfim (2015, p.9) aponta:

O sexismo refere-se às discriminações sofridas por determinado gênero ou orientação sexual, onde um deles é privilegiado e o outro discriminado. Mas as mulheres são mais atingidas por esta prática advinda de uma cultura falocrática, patriarcal e machista onde as mulheres são desqualificadas e inferiorizadas. Sexismo e machismo seguem a mesma lógica de dominação e de discriminação. Onde se designa papéis e julgamentos distintos para homens e mulheres, repugnando comportamentos e atitudes feminilizadas.

O machismo, ele prega em que as mulheres são dominada submissas aos homens, ele categoriza as relações entre dominador e dominada. A mulher é sempre vista como sensível,



frágil, e indefesa, a qual necessita sempre de uma figura masculina, para responder, decidir, por ela. Considerando Drumont (1980, p.82) :

O machismo constitui portanto, um sistema de representações dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polos dominante e polo dominado que se confirma mutuamente numa situação de objetos.

Romper esses preconceitos reproduzidos durante séculos, é uma obrigação social, pois nenhum gênero é superior. Sem rotular, ou categorizar ninguém. Todas as pessoas devem ser igualmente respeitadas, desassociadas de gêneros.

#### i) VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E DOMINAÇÃO MASCULINA

Os dois termos podem ser conceituados juntamente, pois um está ligado ao outro dentro desse contexto, pois a violência é um conceito usado quando há o uso de força física, porém quando é usado esse termo, é que não há uso de força física, e essa violência acaba cerceando a vítima em diversos aspectos. Bourdieu (2012, p. 47)

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural; [...]

Essa violência, não necessita de coação física, no entanto, os resultados são morais e psicológicos, pois acaba atingindo em vários campos sociais a vítima. Em uma relação homem e mulher, os homens vêm usando dessa tática para manter sua dominação masculina, seja ela no campo sentimental, familiar, social. Pois a mulher acaba nem percebendo essa violência, e achando natural o fato dela ser tratada dessa forma.

#### **A Dominância Masculina dentro do contexto social e político.**

Historicamente, a mulher tem sido silenciada e invisibilizada em vários campos sociais, a dominação masculina tem sido perpetuada por longos anos, e luta pelo reconhecimento da mulher na sociedade e pela igualdade de direitos, foi uma longa batalha até o século passado aqui no Brasil.

Por muito tempo, a sua decisão foi negada e transferida para alguma figura masculina, fazendo a dependente principalmente no aspecto econômico. E ainda sim quando a conquista os que é de direitos basta uma crise, que já é retirado. Considerando se Beauvoir apud Gaivoto (1960) :

Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.

Infelizmente, essa realidade não esta totalmente fora de nosso cotidiano, pois há muitas mulheres que não se emanciparam, pois devida a essa castração da liberdade individual se tornou praticamente intrínseca a nossa cultura, e para romper com esses paradigmas sociais, machista, as quais condicionam a mulher sempre em papel de submissão, é preciso romper, presumindo se que a principal forma de transformação social, seja por meio da educação, a qual promova a igualdade de gênero, social, humana, sem que seja uma educação dual, machista e tecnicista, afim de romper a hegemonia vigente na sociedade.

Hoje quando a mulher assume uma posição de destaque seja ele qual for, as críticas vem em massa também. Mas o problema das críticas, e que elas veem acompanhadas de ofensas morais e pessoais, pois não apenas criticam por uma falha profissional ou algo do tipo, pois todos estamos suscetíveis a falhas e a críticas.

A forma como desprestigiam o trabalho e a luta da mulher, seja ela em qual cenário for, é uma violência simbólica, pois os ataques pessoais são morais, e que chegam a violência física, o que já hoje é considerado crime devido a Lei 11.340 sancionada em 2006, a qual diz no seu “*Art. 5º Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.*”

Ao perceber essa violência simbólica, nota se que ela esta presente em nosso cotidiano quando referirmos algum comentário corriqueiro, porém o mesmo esta impregnado de ódio e misoginia, desprezando a figura da mulher ou até mesmo incitando alguma abordagem mais violenta, na mesma. Reconhecer esse discurso é fundamental, para que assim não reproduzimos e perpetuamos.

O discurso misógino é reproduzido com muito mais ênfase, quando a mulher assume um papel de destaque, seja ele na liderança de uma empresa, em departamentos públicos, ou até quando a mesma entra no cenário político.

Isso ficou bem notável nos últimos anos, onde a mulher teve um grande destaque no cenário político, tivemos a primeira presidente mulher a senhora Dilma Rouseff, a qual também sofreu um impeachment, que passou por um golpe político, legislativo, judiciário e midiático, e ainda por cima com ataques misóginos.

Recentemente o que mais marcou dentro dessa violência foi a execução política de uma vereadora da cidade do Rio de Janeiro Marielle Franco, a qual foi morta a tiros por seu posicionamento político, e que até presente data da produção desse texto, não foi solucionado sua morte.

### **Marielle: A mulher a frente da política.**

Marielle Franco, foi a quinta vereadora mais votada nas eleições 2016 na cidade do Rio de Janeiro, com mais de quarenta e seis mil votos. Ela veio da favela da Maré, onde foi a maior parte da sua vida, mãe aos 19 anos, ao mesmo tempo começou a tentar mudar sua realidade a qual foi condicionada diante essa sociedade racista e elitista.

Após o nascimento da sua filha, ela começou a frequentar um curso pré vestibular comunitário, o qual permitiu ela se matricular em 2002 na faculdade como bolsista pelo PROUNI, um programa de universidade para todos, ela estudou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a Puc-RJ, cursando de Ciências Sociais.

Após a conclusão do seu curso, ela permaneceu no meio acadêmico e fazendo seu mestrado em administração pública na Universidade Federal Fluminense UFF. Foi a partir de então que Marielle, entrou no meio político, se filiando ao Partido Socialismo e Liberdade-PSOL.

Marielle, pode se dizer que é uma típica mulher brasileira, a qual sempre foi negligenciada pela sociedade por trazer traços bem fortes, negra, da favela, lésbica, pobre. Analisando essas características, sabe se que o Brasil é um país construído ao sangue negro, e que foi um dos últimos países a abolir a escravidão (ao menos legalmente). Também é o país que mais mata a população LGBT, Segundo dados da Rede TransBrasil e do Grupo Gay da Bahia (GGB). Já a pobreza e as áreas periféricas nos Brasil, não são tratadas como uma questão de desigualdade social, e sim como um status, o qual apenas beneficia a elite burguesa, já os que sobram são vistos como preguiçosos, vagabundos.

Diante a todo esses estigmas sociais, ela conseguiu por meio da educação se emancipar se e lutar pelos oprimidos, Marielle era uma feminista a qual discutia sempre em sessões da câmara do RJ, que as mulheres teriam que tomar lugar em cargos políticos, e em

seu último discurso ela diz “ *Uma mulher sobe e puxa a outra*”, esse era o lema das marchas das mulheres negras, ela ressalta ainda e cita a autora feminista reconhecida internacionalmente Chimamanda “ *e isso deve ser concretizado, e só isso só será operado se as mulheres tiverem no espaço de poder, de fato, trouxeram, derem pé, abraçarem, acolherem, construir, com outras mulheres*”.

A parlamentar, era uma ativista em torno das causas feministas, raciais e dos direitos humanos, ela abraçava as causas sociais que estava nas comunidades, pois ela vivenciou quase todas. Em sua gestão ela foi presidente da Comissão da Mulher da Câmara, elaborou projetos que beneficiassem a população carente, um dos principais projeto de lei foi o “ Espaço Coruja” o qual visa atender pais e mães que estudam ou trabalham a noite, que tivessem uma creche noturna, para que as crianças ficassem em lugares seguros.

Em fevereiro desse ano ela foi relatora da Comissão contra a intervenção militar que se instaurava nas periferias do Rio, onde a taxa de inocentes mortos estavam sendo altas, questionando os critérios dos policiais.

Infelizmente Marielle Franco, foi executada com 13 tiros disparados em seu veículo, acertando ela e o seu motorista Anderson Pedro Gomes, o óbito foi de imediato, até o presente momento na produção desse artigo, não se sabe o certo quem disparou e o por que, pois não há vestígios de assalto, o que se sabe é que a vereadora, foi executada.

Partindo se dessa tragédia, a qual não podemos deixar passar em branco, pois Marielle foi apenas uma que deu a cara a tapa, não se calou com a voz opressora masculina, batia de frente, mulher, negra, feminista, mãe, ativista dos direitos humanos, periférica, lésbica. É obvio, que não podemos limitar toda a sua batalha nesses estereótipos, no entanto seu engajamento político, serviu de certa forma de combustão para que essa tragédia seja executada, não podemos afirmar nada diante a uma investigação policial. Porém, o nosso país esta em uma situação em que o caos político esta se instaurando, e de certa forma quem ouse levantar a voz contra esse sistema conservador e caótico, sofre represálias.

O fato em si é triste, revoltante, no entanto, serve como uma forma sororidade, em que mais mulheres engajem no campo político, e lutem por criações de políticas públicas que visibilizem as, e não as silenciem, que quando se filiaem a um partido, seja para buscar melhorias e não apenas para servir de cota feminina, essa cota, já é uma violência simbólica, a mulher é silenciada, e apenas a voz do homem, é o que vale.

A dominação masculina, está presente firmemente no cenário político, o que em sua maioria não representa uma boa parte do povo brasileiro. E as poucas mulheres que estão no poder, no congresso, são silenciadas, manipuladas, impeachmada, executada.

Isso é uma forma lógica que o machismo também está enraizado no campo político, e que ele vem servindo de base há vários anos, e que há poucos anos as mulheres começaram a ser donas de si, e a terem políticas públicas, as quais reconhecessem as suas necessidades e singularidades. Há muito, a se lutar e ainda a conquistar, porém necessitamos de mais ativismo, feminismo, de mais Marielles, para que assim futuras gerações sejam equitativas em seus direitos e em suas conquistas.

### **Considerações Finais**

Ao findar esse artigo, não há muitas esperanças, pois a luta contra o machismo de cada dia é constante, é na forma de falar, expressões habituais, como já havia falado, o machismo é estrutural em nossa sociedade, porém só hoje é visto como uma violência, uma violência simbólica, que impede muito a forma como a mulher é vista atualmente na sociedade.

A forma como tentar romper com esse machismo, é ainda uma educação que seja emancipadora, que não seja dual seja no aspecto social, ou de gênero, e o principal mais mulheres e menos machismo ocupando a política brasileira, pois ocupando esses espaços é fundamental para a redução da desigualdade que nos cercam.

A esperança é a integração de políticas públicas que priorize ou visibilize a mulher na sociedade, e que ela se sinta segura e capaz de exercer o que é seu por direito, e complementando uma educação que não reflita hábitos e expressões machista que estejam enraizados em nossa cultura, rompendo esse estigmas, poderá alcançar uma sociedade mais justa, humana e equitativa, respeitando todos os gêneros.

### **Referências**

BATISTA, P. **Quem era Marielle Franco**. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/quem-era-marielle-franco/>. Acesso em 31 maio 2018.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BONFIM, C. **Desnuando a educação sexual**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação sexual e formação de professores: da educação sexual que temos à educação sexual que queremos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Condição Histórica da Mulher e a Construção Social do Amor na Perspectiva Socialista: um estudo da trajetória e produção de Alexandra Kollontai**. 2015. Relatório (Pós-

Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. **LEI MARIA DA PENHA**. Lei N.º 11.340, de 7 de Agosto de 2006, Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em 30 maio 2018

CHAUÍ, M. **Senso comum e transparência**. In: LERNER, J. (Org.). O preconceito. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997. (pp. 115-132).

DRUMONT, M. P. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas. São Paulo, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007. (pp. 7-34)

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARIELLE FRANCO. **Quem é Marielle Franco**. Disponível em :<https://www.mariellefranco.com.br/quem-e-marielle-franco-vereadora>. Acesso em 31 maio 2018.

MATTOS, M. G; ROSSETO JÚNIOR, A. J; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física: construindo sua monografia, artigos e projetos**. 3ª Ed. São Paulo: Phorte, 2008.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa: Abordagem teórico-prática**. 9. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2003.

Revista Galileu, **Brasil ainda é o país que mais assassina LGBTs no mundo**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/brasil-ainda-e-o-pais-que-mais-assassina-lgbts-no-mundo.html>. Acesso em 30 maio 2018

ROSA JUNIOR, J. **Educação dual e a desigualdade de gênero na Prática pedagógica**. In Organizado por R Silva, R. D. Hummel, E. I. Oliveira Junior, I. B. *Educação, sexualidade e diversidades: políticas públicas educacionais: avanços ou retrocesso?* Londrina- PR Syntagma Editores, 2017.

THERBORN, G. **Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS  
Universidade Estadual de Londrina  
13 a 15 de junho de 2018  
ISSN 2177-8248

You Tube, **Último pronunciamento de Marielle Franco antes de ser executada no Rio de Janeiro**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Da7dqCqEJmA>. Acesso em 31 maio 2018.